



CORPOREIDADE E LUDICIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Maria Helena Soares de Lima¹, Bárbara Barbosa da Silva², Rayanne Mayra Alves Silva³,
Ivonildes da Silva Fonseca⁴.

¹Universidade Estadual da Paraíba – UEPB / Campus III. E-mail: helenal1lima@gmail.com; ²Universidade Estadual da Paraíba – UEPB / Campus III. E-mail: barbara-barbosa1995@hotmail.com; ³Universidade Estadual da Paraíba – UEPB / Campus III. E-mail: rayannermy@gmail.com; ⁴Universidade Estadual da Paraíba – UEPB / Campus III. E-mail: vania_baiana@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo abordar a importância dos valores civilizatórios afro-brasileiros e a partir destes, destacar a corporeidade e ludicidade, dando ênfase à importância da formação da identidade negra na escola, visto que a construção desta se dá na interação com o outro, seja no ambiente educacional, na família, ou em qualquer outro espaço social. Estes valores são decorrentes do processo de formação do Brasil, em que o povo africano, em condições hostis, teve participação fundamental. Ao longo da história, os valores civilizatórios permaneceram, todavia, não são valorizados nas escolas. Assim, fazemos parte do grupo dos que entendem a importância desses valores estarem presentes no cotidiano escolar, principalmente a partir da obrigatoriedade proposta pela Lei 10.639/03. Para tanto, buscamos fundamentos nas concepções de autores como Brandão e Trindade (2010), Munanga; Gomes (2006), Cavalleiro (2003), que trazem subsídios para discutirmos acerca deste tema. Utilizamos, no procedimento metodológico, a pesquisa bibliográfica e web-gráfica, fato proporcionado pelo repertório de pesquisas já existentes sobre a temática. Deste modo, constatamos que apesar das contribuições dos africanos e seus descendentes brasileiros na construção histórica do nosso país, essa população ainda é desvalorizada e vítima de uma sociedade racista e estereotipada. Logo surge a necessidade de redescobrir seus valores para que então possam ser reconhecidos como parte fundamental da nossa história e do nosso ser brasileiro. Dessa forma, a meta é que este trabalho possa contribuir para que o processo na escola contemple os elementos culturais afro-brasileiros, imprescindíveis para uma formação cidadã, feliz e auto positivada.

Palavra-chave: Valores civilizatórios, Corporeidade, Ludicidade, Identidade negra

Introdução

O Brasil, em sua formação, sofreu influências de outros países, povos e civilizações, as quais estão presentes até os dias atuais, principalmente dos africanos trazidos para cá como escravos no período colonial, tornando a sociedade brasileira mista biologicamente, cultural e socialmente. Eles instituíram, em solo brasileiro, valores civilizatórios presente na vida e modo de ser de nós brasileiros. Diante disso, abordaremos, ao longo desse trabalho, os valores civilizatórios afro-brasileiros, dando ênfase à corporeidade e ludicidade negra inserida no espaço escolar.



Trataremos ainda acerca da formação da identidade negra na escola, visto que a construção dessa identidade étnico-racial se dá da interação com o outro, seja na escola, na família, ou em qualquer outro espaço social. No entanto, é no ambiente escolar onde toda criança, principalmente a de descendência negra, começa a buscar suas primeiras referências para um reconhecimento de si mesmo dentro da sociedade, onde surge um mundo novo de diferentes indivíduos, daí ela começa uma busca visando identificar e conhecer as distintas historicidades para, assim, construir sua própria identidade.

A corporeidade negra é fortemente marginalizada e inferiorizada, devido as suas características corporais. Já a ludicidade negra, durante muito tempo, foi vista com pouca importância, uma vez que ninguém teve a preocupação de produzir e colocar no acervo de brinquedos, bonecos (as) negros, muito menos livros infantis, histórias, lendas com personagens negros, ou ainda brincadeiras de matriz africana, tornando-a desvalorizada como ferramenta pedagógica. Partindo desses princípios, procuramos escrever sobre a importância da valorização dos valores civilizatórios afro-brasileiros, como a corporeidade e ludicidade no espaço escolar, pois é ele um importante ambiente de construção da identidade dos indivíduos.

Nessa perspectiva, é notório que vivemos em uma sociedade eurocêntrica e estereotipada, a qual exalta o corpo branco, enquanto inferioriza e marginaliza o corpo negro, bem como desconhece a lúdica negra como uma importante ferramenta pedagógica. Assim, a discriminação e rejeição sofrida por esse povo resultam na negação da própria cultura e não aceitação da própria cor. Porém, apesar dessa situação, não se pode parar nos conceitos atribuídos por essa sociedade que inferioriza, inviabiliza e até subalterniza os negros e os afro-brasileiros, e, por isso, deve-se buscar redescobrir para, então, aprender a valorizar os valores civilizatórios afro-brasileiros que fazem parte da nossa história e do nosso ser.

Nesse sentido, foi implementada a Lei 10.639/03, em 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a qual estabelece a inclusão do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos currículos oficiais de ensino. No entanto, é perceptível que o tema continua sendo escasso no cotidiano escolar, ficando claro que, na prática, não funciona tal qual assegura a lei. Logo, esse trabalho é relevante, pois contribui para a reflexão dos educadores acerca dessa temática, que se faz presente no cotidiano das escolas, bem como contribui para despertar a conscientização e valorização da cultura e identidade negra.

Desse modo, este trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2008) é desenvolvido a partir de material já elaborado por outros pesquisadores. As informações são



coletadas de fontes bibliográficas, como livros, artigos científicos e obras acadêmicas. Logo, buscamos analisar, por meio de ideias já estabelecidas por autores como Munanga (2006), Gomes (2006), Azoilda (2013), Silva (2014)), Gil (2008), Lei 10.639/03, entre outros, fundamentos para explicar essa temática.

Para tanto, este trabalho está desenvolvido da seguinte forma: a princípio, fizemos uma breve introdução a respeito dos valores civilizatórios instituídos no Brasil. Num segundo momento, abordamos sobre a corporeidade aos olhos da sociedade e na escola, seguido por uma breve abordagem acerca da ludicidade afro-brasileira. Por fim, nos propusemos a falar a respeito da formação da identidade negra na escola.

Valores civilizatórios afro-brasileiros

Sabemos que há a existência da descendência africana dispersa pelo mundo inteiro, visto que homens, mulheres, idosos e crianças de diferentes regiões do continente africano e diversas etnias foram espalhados para distintas partes do planeta, seja pela imigração espontânea, por motivos comerciais e, principalmente, pelo tráfico negreiro que era um forte movimento entre os XVI e XIX. De tal modo, “é impossível negar a riqueza do Patrimônio Africano, afrodiáspórico e afro-brasileiro: ARTE, CIÊNCIA, TECNOLOGIA, FILOSOFIA, PSICOLOGIA, MATEMÁTICA, LINGUAGENS, ESCRITA, ARQUITETURA” (BRANDÃO; TRINDADE, 2010, p. 13), o qual está fortemente presente nos laços sanguíneos da humanidade.

No Brasil, eles foram trazidos no período colonial, e eram tidos como a principal fonte de renda dos grandes proprietários de terra daquela época, ou seja, dos senhores feudais. Trouxeram consigo os seus costumes, as suas memórias e histórias, tornando inegável a presença dos elementos de sua cultura em nosso país, os quais foram recriados aqui por meio de um processo histórico, social e cultural, ficando claro como tais elementos influenciam a vida, os costumes e, entre outras coisas, o modo de ser dos brasileiros. Porém, apesar das influências e contribuições da cultura africana na história brasileira, é notório, em nosso país, que elas convivem com práticas racistas que estão presentes nos atos cotidianos.

Tais práticas vão parar dentro da escola, chegando a silenciarem sobre o que diz respeito à África e ao tema afro-brasileiro, pois o que vemos na escola são livros didáticos carregados de estereótipos raciais e que, de certa forma, distorcem, ou mascaram a história do povo negro. Embora a Lei 10.639/03 tenha estabelecido a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na educação, as escolas continuam sem abordar essa temática, ou até



chegam a negá-la, se preocupando mais em disciplinar e padronizar, reforçando, assim, o estereótipo, as representações negativas do negro.

Logo, deixam de abordar suas contribuições que foram intensas na constituição principalmente cultural do nosso país, bem como “esquecem” de destacar esses elementos que são os importantes valores civilizatórios, como a musicalidade, oralidade, circularidade, corporeidade, ludicidade, cooperatividade, religiosidade e energia vital, inseridos pelos africanos e seus descendentes brasileiros a nossa nação. Valores esses que, juntos, se transformam num conjunto de aparências e características, as quais foram vividas, vistas, ouvidas, sentidas pelo negro e seus descendentes, e que estão presentes:

[...] na música e na dança: o carimbó, o jongo, o samba e o cacuriá; nos instrumentos musicais: o atabaque, o agogô, o berimbau, o afoxé e a ganzá; nas lutas: a capoeira; na religião: o candomblé e a umbanda; na culinária: o vatapá, o caruru, a muqueca, o acarajé e a feijoada; no idioma, palavras como: marimbondo, quilombo e moleque. (PEREIRA, JUNIOR E SILVA, 2009, p. 4).

Dentre esses valores, destacamos a corporeidade, que, por muito tempo, foi estereotipada, banalizada, inferioridade e desvalorizada dentro da sociedade e também no espaço escolar. E a ludicidade, a qual foi sendo desvalorizada pedagogicamente ao longo do tempo.

A Corporeidade Negra aos Olhos da Sociedade e na Escola

O corpo é o meio pelo qual existimos, vivemos e materializamos nossa presença no mundo, e a corporeidade se constitui na relação do ser com o mundo, na expressão da sua cultura, um espaço de construção da identidade do sujeito. “Nossa corporeidade, ao expressar a linguagem do nosso corpo, traz consigo as conceituações e a normalização estabelecida pela cultura.” (SILVA, 2014, p. 271). Com ênfase na corporeidade negra, percebe-se um corpo estereotipado e rejeitado, que carrega consigo uma história marcada pela violência, mutilação e insensibilidade.

A nossa sociedade exerce grande influência sobre esse corpo estereotipado, pois nela predomina um padrão estético, do corpo branco, dos olhos azuis e cabelos loiros, e marginaliza o corpo negro, as suas feições e cabelos crespos, causando, muitas vezes, a exclusão e a não aceitação do próprio indivíduo. Percebe-se também a forte influência que a mídia exerce nessa padronização de beleza, na qual as características negras são postas como “feia” e negativa. Além disso, ainda é pouca a participação de pessoas negras nos espaços midiáticos, e quando aparecem exerce um papel de inferioridade, como empregada, escravo, bandidos, mendigos, etc., ou seja, uma banalização do corpo negro.



A associação da pessoa negra a tudo que é negativo e a invisibilidade dos valores históricos e culturais do povo negro, bem como a inferiorização dos seus aspectos corporais, através de estereótipos, é internalizado por este povo, e resulta, na maioria das vezes, no desenvolvimento de comportamentos de autorrejeição e negação dos seus valores culturais e preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados, no caso, os brancos. Daí surge a importância de introduzir essa questão na escola, tendo em vista que isso pode contribuir para a “desconstrução” dessa concepção de inferioridade do corpo negro e formação da identidade das pessoas, como possibilidade de transformação dessa sociedade estereotipada e racista.

Na maioria das vezes, as crianças negras já chegam à escola se sentindo fracassadas e excluídas, conforme afirma Munanga (2000), em entrevista à *Revista Raça*. O sentimento é fruto dessa sociedade racista, que marginaliza a corporeidade negra, e a julga negativamente devido as suas expressões corporais. Esse estereótipo, em relação ao corpo, é reproduzido nesse ambiente escolar, até mesmo em simples brincadeiras, as quais, muitas vezes, reforçam a violência simbólica e inferioriza os povos afro-brasileiros e afrodescendentes. Diante disso, é fundamental trazer essa temática para dentro da escola, pois é um dos espaços que contribui para a construção e formação da identidade das pessoas.

Além disso, sendo a corporeidade um dos valores civilizatórios afro-brasileiros da educação, é importante a recomendação de que: “é preciso valorizar os corpos tanto dos educadores quanto dos educandos, não como idolatria ao próprio corpo, mas como lugar de troca e construção de saberes e conhecimentos coletivizados e compartilhados” (AZOILDA, 2013, p. 135).

Com a aprovação da Lei 10.639, sancionada em 9 de janeiro de 2003, torna-se obrigatório, no Ensino Fundamental e Médio, o ensino sobre História e Cultura afro-brasileira e africana. Essa legislação traz os seguintes artigos:

Art. 1o A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes artigos, 26-A e 79-B:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’. (BRASIL, 2003).



Com essa lei, passou a ser obrigatório, nos currículos oficiais de ensino, discutir e inserir, na escola, conteúdos sobre a cultura e história afro-brasileira. Todavia, confirma-se que a maioria dos professores não sabe como trabalhar essa questão dentro de sala de aula, e, quando isso acontece, normalmente é na data comemorativa ao Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro. Essa postura não é suficiente para romper com a construção e associação da pessoa negra como escrava, alvo de preconceito, injustiça, e, conseqüentemente, excluída da sociedade. Pois, mesmo com o empenho do sistema educacional em tratar de questões raciais, os negros ainda são discriminados devido à cor da pele, o cabelo crespo, características mais evidenciadas da identidade da cultura negra.

Diante disso, nós, enquanto educadores, precisamos trazer essa temática, discutir com os nossos alunos, para que eles compreendam a importância da valorização do outro e sua cultura, a história do negro, e suas contribuições para a sociedade. Trabalhar essas questões contribui não somente para o reconhecimento da própria pessoa negra, mas também para a construção de pessoas antirracistas, para uma população com menos desigualdade social, mais justa e com mais amor pelo próximo, seja negro ou branco.

Ludicidade Afro-brasileira na Escola

A brincadeira é uma atividade que pode ser realizada de maneira individual ou coletiva, contendo regras ou não. No entanto, essas regras não as limitam e, assim, elas podem ser modificadas, os seus agentes participativos podem se retirar no momento que desejarem, assim também como podem adicionar novos integrantes e até mesmo instituir suas próprias regras. Ela é também um processo de socialização, visto que, no seu desenvolver, há uma relação de interação entre os indivíduos, sendo possível que haja uma influência mútua com o meio no qual as pessoas estão inseridas, desenvolvendo a criatividade, a inteligência, habilidades e imaginação.

A ludicidade afro-brasileira faz parte desse conjunto de valores civilizatórios que foram implantados, aqui, no Brasil, tanto pelos africanos, os quais foram trazidos para cá, como por sua descendência brasileira, durante sua formação histórica, cultural e social. Isto é “[...] valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração”. (TRINDADE, 2005, p. 30).

A pesquisadora Azoilda Trindade, assim como outros pesquisadores, ressalta que a ludicidade é fundamental para o desenvolvimento educacional, principalmente das crianças negras, contribuindo significativamente na melhoria da educação delas. Nesse sentido, algumas



brincadeiras, como as de correr, de atenção, cognição, lançamento, e muitas outras de matriz africana e afro-brasileira contribuem no ensino e na aprendizagem dessas crianças.

Nesse sentido, é possível perceber que essas brincadeiras, assim como tantas outras, contribuem no desenvolvimento do exercício de ouvir o outro, da corporeidade da criança, fazem com que elas desenvolvam sua percepção, o pensamento, seu raciocínio, o aprendizado da pluralidade, entre outros, visto que elas aprendem também por meio do brincar e das vivências. Além disso, brincar, segundo Lima (apud BRANDÃO; TRINDADE, 2010, p. 90), “é um aliado formidável para o processo de conhecimento e de organização dos sentimentos da criança, bem como é uma oportunidade da mesma compreender a vida”.

Ou seja, esse brincar acaba promovendo, na criança, a assimilação e coordenação de suas emoções e do mundo ao seu redor. Promove ainda a obtenção de conteúdos, fazendo com que ela tome para si as informações que lhe são repassadas, lhe proporcionará aquisição de conhecimentos, bem como promove seu autorreconhecimento e ainda estimula a compreensão, o alcance e conhecimentos de aspectos fundamentais de outras culturas, mas principalmente da sua. Desse modo, a brincadeira acaba se tornando fundamental para o ensino e a aprendizagem das crianças, sendo necessário que, no ato de brincar, ela vá vivenciando o aprendizado que esta lhe proporciona no dia a dia, que ela se envolva, participe, ouça e repasse o que ouviu e viu aos outros, e, conseqüentemente vá se modificando e construindo seus conhecimentos.

Logo, é fundamental que, tanto a escola como os docentes, ao realizá-las, tenham um olhar crítico sobre as mesmas, visando estimular na criança, principalmente na negra, o conhecimento, o reconhecimento, e a valorização dos distintos grupos étnico-raciais, os quais foram importantes para a construção tanto da história como da cultura brasileira. E ainda, que por meio dessas atividades, os docentes também estimulem as crianças a refletirem sobre suas origens, seus antepassados e sua cultura, bem como “dimensionem a riqueza dessas ocasiões, como se fossem um jogo que as ensine a lidar, superar ou para a manutenção de preconceitos, principalmente aqueles associados a sua identidade negra”. (LIMA, apud BRANDÃO; TRINDADE, 2010, p. 90).

Portanto, através da comunhão, das histórias contadas do povo negro, na troca de experiências, com o despertar da imaginação e criatividade seja possível resgatar e incluir, na escola, essas brincadeiras que, com o tempo, foram sendo esquecidas pelo povo, pois, ao serem trabalhadas no ambiente escolar, colaboram para um despertar sobre a conscientização e valorização delas.



Formação Da Identidade Negra na Escola

Nessa perspectiva, desses dois valores civilizatórios no ambiente escolar, surge através deles, quando inseridos e trabalhados nesse lugar, uma significativa contribuição para a construção da identidade negra. Essa construção se dá principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, período em que se estabelecem as relações com crianças de diferentes culturas familiares, visto que a instituição escolar é um espaço responsável pelo processo de socialização. Surge, então, um mundo novo de diferentes indivíduos, onde ela busca se identificar e conhecer diferentes historicidades para, assim, construir sua própria identidade.

Esse contato diversificado faz da escola o primeiro espaço de vivência das tensões raciais, e das relações que são estabelecidas entre crianças, sejam elas brancas ou negras. Nesse caso, entendemos que a escola é um espaço de construção e reprodução das práticas sociais, portanto, se a escola as constrói, reproduz práticas que podem prejudicar o desenvolvimento dos educandos em processo de formação, no entanto, ela também pode ser um espaço de construção de uma imagem positiva da criança negra.

Muitas vezes, essa criança já chega à escola com uma carga histórica de derrotas, pois os preconceitos e discriminações evidentes no seu cotidiano se reforçam e se repetem na sala de aula, minando o processo de aprendizagem. Tal prática, direcionada a criança negra, pode ser, e é muito perverso, ou seja, pode causar um transtorno para seu inconsciente, num processo de desvalorização de suas características individuais, que interfere na construção de sua identidade, fazendo com que a criança se sinta excluída, e acabe negligenciando a sua tradição cultural para assumir uma postura de embranquecimento, a qual a sociedade e o próprio espaço escolar têm posto para ela como a ideal (branco, olhos claros, cabelos lisos, entre outros).

Para uma criança negra, em seus anos iniciais, fica difícil de entender e, ao mesmo tempo, não é entendida nesse sistema educacional, que parece reproduzir o padrão hegemônico, que a estereotipa como incapaz, rebelde, entre outros conceitos. Na maioria das vezes, os professores não estão preparados para lidar com as diferenças e, muitos deles, já se mostram predispostos a não esperar o melhor resultado do estudante negro e pobre.

Desse modo, nota - se que um dos aspectos mais importantes da interferência da escola na formação da criança negra é a figura do professor, o qual se cala ao invés de discutir sobre o assunto e propor alternativas para que ele seja erradicado. Muitos docentes não utilizam novas didáticas para trabalhar a inclusão da cultura afrodescendente e valorização das origens e diferenças. Nesse sentido,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Esse ritual pedagógico que ignora as relações étnicas estabelecidas no espaço escolar pode estar comprometendo o desempenho e o desenvolvimento da personalidade de crianças e de adolescentes negros, bem como está contribuindo para a formação de crianças e de adolescentes brancos, com um sentimento de superioridade (CAVALEIRO, 2005, p.32-33).

Ou seja, esse silêncio por parte dos docentes e da escola, acaba afetando a formação da identidade da criança negra, a qual, na maioria das vezes, não conhece sua própria história, aprofundando, assim, sua alienação, pois, ao abrir os livros didáticos, ela lê a história de outros povos, e não vê a sua. Nesse caso, o ambiente escolar, que deveria ser um espaço de contribuição para transformar os pensamentos antidiscriminatórios ou ao menos diminuir as ações discriminatórias, segundo Pinto (1993), acaba contribuindo para a perpetuação das discriminações, seja por omissão perante os conteúdos didáticos que veicula ou pelo que ocorre no dia a dia da sala de aula.

Logo, a criança não encontra, no espaço da escola, condições adequadas para se desenvolver intelectualmente, onde a discriminação já se encontra nos livros didáticos, visto que ninguém se preocupou com a importância de colocar livros infantis com imagens e personagens negros em posição de destaque, bem como não trabalham as lendas, as histórias africanas, entre outras formas de afirmação de existência e valorização dos negros em nosso país.

Sendo assim, se não houver materiais pedagógicos de qualidade, exemplificando, com maior riqueza de detalhes, a história destes personagens, os livros didáticos podem acabar acarretando, na criança negra, uma imagem negativa e de inferioridade sobre sua história e de si mesma, refletindo na rejeição em se dizer ser negro, ou fazendo com que ela sinta-se desqualificada diante da experiência de um sistema educacional que lhes apresenta uma imagem distorcida sobre si mesma.

Considerações Finais

A historicidade dos afro-descendentes e seus valores civilizatórios no Brasil é marcada por uma trajetória de exclusão, preconceito e discriminação. Os africanos que foram traficados durante o período colonial de forma desumana e cruel, trouxeram consigo toda sua tradição e seus valores, que, aqui, foram se inserindo e criando novas formas, valores estes sempre vistos com maus olhos, sendo rejeitados e silenciados.

Diante disso, este trabalho teve como foco abordar sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros, dando ênfase à corporeidade e ludicidade negra inserida no espaço escolar, como também refletir sobre a formação da identidade negra na escola. Com essa discussão, ficou



evidente que, apesar de todas as contribuições do povo afro descendente na construção do nosso país, ainda representam um grupo desvalorizado por uma sociedade racista e estereotipada.

No entanto, apesar das discriminações, do racismo, das desigualdades e injustiças vividas, os africanos e seus descendentes lutaram bravamente para assegurar a vida, para conquistarem a igualdade de direitos, e estabeleceram a maneira de ser e viver de nós brasileiros. Assim, não se pode parar nessas considerações que inferiorizam, inviabilizam e até subalternizam os negros e seus descendentes brasileiros, que essa sociedade estereotipada e eurocêntrica atribui-lhes. E, por isso, deve-se buscar redescobrir para, então, aprender a reconhecer esses valores civilizatórios afro-brasileiros que fazem parte da nossa história e do nosso ser brasileiro.

Portanto, trabalhar acerca da valorização desses valores como a corporeidade é devolver a autoestima e o orgulho de ser negro, é assumir a própria identidade e cultura, ressaltando os valores de um corpo silenciado e invisibilizado durante muito tempo. Já a ludicidade negra assume um papel de contribuir e instruir principalmente a criança negra a desconstruir estereótipos atribuídos pela sociedade ao longo do tempo com relação a seus antepassados, colaborando para que elas sintam orgulho de suas origens, bem como para a conscientização e valorização das memórias, histórias e identidade de seu povo e para que estejam preparados a enfrentar os diferentes tipos de preconceitos.

Logo, afirmar que nenhuma raça é inferior à outra, que o branco não é melhor que o negro, é romper com esse sentimento de inferioridade impostos por um povo com relação a outro, e contribuir para a formação de uma sociedade antirracista.

Referências

BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Modos de brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

BRASIL, **Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm> Acesso em: 07 de maio de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil**. Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na Educação infantil. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global Editora, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Racismo. In: **Raça – Brasil**, ano 5, n: 50, 2000, p.13 – 15.

PEREIRA, Alesandro Anselmo; JUNIOR, Luiz Gonçalves; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. *Jogos Africanos E Afro-Brasileiros No Contexto Das Aulas De Educação Física*. In: **XII Congresso da Association Internationale pour la Recherche Interculturelle (ARIC): diálogos interculturais: descolonizar o saber e o poder**. Florianópolis: UFSC, 2009. p. 1-18.

PINTO, R.P. **Movimento Negro e Educação do Negro** a ênfase na Identidade. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1993.

SILVA, Joyce Gonçalves da. **Corporeidade e identidade, o corpo negro como espaço de significação**. Salvador - BA: UCSal, n.3, v. 17, 2014. p. 263 - 275. Disponível em: <<http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2017/18.%20SILVA.pdf>> Acesso em: 28 abr. 2016.

TRINDADE, Azoilda Loreto da. **Africanidades brasileiras e educação: salto para o futuro**. Rio de Janeiro: TV Escola/MEC, 2013.

TRINDADE, Azoilda Loreto da. *Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil*. In: **Valores afro-brasileiros na Educação**. Boletim 22, TV Escola/MEC, 2005.